

## A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DO COLÉGIO DE PEDRO II PARA A CONFIGURAÇÃO DA FILOSOFIA COMO DISCIPLINA ESCOLAR NOS CURSOS SECUNDÁRIOS NO BRASIL

*Paloma Rezende de Oliveira  
Luciana Borges Patroclo  
Fernando Rodrigo dos Santos Silva*

### Resumo

O ensino de Filosofia tem passado por reformas que nos remetem a compreender como a Filosofia se configurou como disciplina escolar ao longo dos séculos. Tomamos como referência as mudanças ocorridas no programa de ensino secundário do Colégio Pedro II, instituição oficial que no século XIX serviu como referência para todas as demais instituições do país. No início do funcionamento deste estabelecimento de ensino, a Filosofia tinha o maior número de lições e os professores que lecionavam esta matéria tinham os maiores rendimentos, bem diferente de hoje, em que os professores têm apenas uma ou duas aulas no ensino médio. Tal diferença levou-nos a realizar uma análise pautada em pressupostos teóricos e metodológicos de Chervel sobre a história das disciplinas escolares, que também prescindiu do levantamento da primeira geração de professores que atuou no Colégio Pedro II, a fim de estabelecer relações entre os dois contextos históricos. Entre os estudos sobre o percurso profissional dos professores dentro e fora desta instituição, bem como sobre a constituição da identidade profissional do magistério secundário no século XIX, localizamos os estudos de Mendonça et al (2013), que indicaram que a primeira geração de professores (1828-1855) era delimitada de acordo com a forma como eram recrutados para constituir o quadro docente do Colégio de Pedro II. Dentre os 51 docentes identificados pelos autores que tinham vínculo com a instituição nesse período, daremos ênfase àqueles que lecionavam Filosofia. Para isso, utilizaremos o levantamento das fontes documentais existentes no acervo do NUDOM/CPII.

**Palavras-chave:** Colégio Pedro II; ensino secundário; filosofia; identidade docente.

## THE HISTORICAL CONTRIBUTION OF COLÉGIO PEDRO II TO THE CONFIGURATION OF PHILOSOPHY AS A SCHOOL SUBJECT IN BRAZILIAN SECONDARY EDUCATION

### Abstract

The teaching of Philosophy has undergone reforms that lead us to understand how Philosophy became a school subject over the centuries. We took as a reference the changes that took place in the secondary school program of Colégio Pedro II, an official institution that in the 19th century served as a reference for all the other institutions in the country. At the beginning of the school's operation, Philosophy had the highest number of lessons, and the teachers who taught this subject had the highest remuneration, quite different from today, where teachers have only one or two classrooms in high school. This difference led us to conduct an analysis based on Chervel's theoretical and methodological assumptions about the history of school subjects, which also did not require a survey of the first generation of teachers who worked in Colégio Pedro II to establish relations between the two historical contexts. Among the studies on the professional trajectory of teachers inside and outside this institution, as well as on the constitution of the professional identity of the secondary teaching profession in the 19th century, we located the studies by Mendonça et al. (2013). Among the 51 professors identified by the authors who had connections with the institution in this period, we will highlight those who taught philosophy. For this, we will use the survey of the existing documentary sources in the NUDOM/CPII collection.

**Keywords:** Colégio Pedro II; secondary education; philosophy; teacher's identity

## LA CONTRIBUCIÓN HISTÓRICA DEL COLEGIO PEDRO II PARA LA CONFIGURACIÓN DE LA FILOSOFÍA COMO MATERIA ESCOLAR EN LA ENSEÑANZA MEDIA EN BRASIL

### Resumen

La enseñanza de la Filosofía ha sufrido reformas que nos llevan a comprender cómo se configuró la Filosofía como materia escolar a lo largo de los siglos. Tomamos como referencia los cambios que se produjeron en el programa de enseñanza secundaria del Colegio Pedro II, una institución oficial que en el siglo XIX sirvió de referencia para todas las demás instituciones del país. Al principio del funcionamiento de este centro educativo, la Filosofía tenía el mayor número de clases y los profesores que impartían esta asignatura tenían los ingresos más elevados, muy diferente de lo que ocurre hoy en día, donde los profesores solo tienen una o dos clases en secundaria. Tal diferencia nos llevó a realizar un análisis basado en los presupuestos teóricos y metodológicos de Chervel sobre la historia de las asignaturas escolares, que prescindió también de la encuesta a la primera generación de profesores que trabajaron en el Colégio Pedro II, con el fin de establecer relaciones entre los dos contextos históricos. Entre los estudios sobre la trayectoria profesional de los profesores dentro y fuera de esta institución, así como sobre la constitución de la identidad profesional de la enseñanza secundaria en el siglo XIX, localizamos los estudios de Mendonça et al. (2013). Entre los 51 profesores identificados por los autores que estuvieron vinculados a la institución en este periodo, destacaremos los que impartían Filosofía. Para ello, utilizaremos el estudio de las fuentes documentales existentes en la colección de NUDOM/CPII.

**Palabras clave:** Colegio Pedro II; enseñanza secundaria; filosofía; identidad docente.

### INTRODUÇÃO

Para compreendermos a trajetória da Filosofia como componente curricular nas escolas, vamos nos remeter ao ano de 1971, quando o governo militar instituiu a Lei 5.692/71, que alterou a organização do ensino secundário no Brasil, que passou para a denominação 2º grau, que por sua vez tinha um caráter marcadamente profissionalizante.

Na ocasião, a Filosofia foi banida do currículo, retornando como componente obrigatório somente em 18 de maio de 2009, quando a Resolução CNE/CEB nº 1 dispôs sobre a implementação da Filosofia no currículo do Ensino Médio<sup>1</sup>, em todas as escolas públicas e privadas do Brasil.

Antes da Reforma de 1971, contudo, a Filosofia já havia se constituído como disciplina escolar dos liceus e ginásios existentes no período anterior à criação do Colégio de Pedro II, por meio do decreto de 02 de dezembro de 1837, no município da corte, Rio de Janeiro, durante o período regencial (1831-1840), com o intuito de organizar o ensino secundário no país, passando a ser referência obrigatória para os estabelecimentos de ensino de todo o Império.

Inspirado nos colégios franceses, foi inicialmente a única instituição de ensino autorizada a realizar os exames parcelados ou preparatórios<sup>2</sup>, necessários ao ingresso nos cursos superiores, o que marcou seu caráter propedêutico. Dada a sua importância para a construção e formação de ideias e saberes que fundamentavam os programas de ensino secundário no Brasil, haja vista ter sido originalmente criado para formar a elite que governaria o país, iremos nos ater a como a Filosofia se configurou como campo disciplinar, não somente por meio da análise de seus programas de ensino, mas principalmente, pela trajetória de seus professores.

<sup>1</sup> O ensino médio é uma etapa de ensino equivalente à última fase da educação básica. Foi criada pela LDB 9394/1996, em substituição ao ensino de 2º grau.

<sup>2</sup> De acordo com Mendonça et al (2013, p.992), inicialmente “os exames gerais de preparatórios eram realizados exclusivamente nas instituições de ensino superior”. A partir de 1851, passaram a ser também realizados no Município da Corte, pela Inspeção de Instrução Primária e Secundária e, posteriormente, no Colégio de Pedro II. A partir de 1873, ocorreram também nas províncias que não possuíam cursos superiores.

De acordo com a análise feita por Mendonça, Silva e Oliveira (2015, p.206), a finalidade do primeiro estatuto do Colégio Pedro II, criado em 1838, era organizar o seu funcionamento e definir as classes docentes, sendo estes os “professores” e os “substitutos”. Estes últimos teriam a função de substituir os professores em caso de impedimento e também atuar como inspetores de alunos.

A partir de um estudo preliminar sobre a primeira geração de professores do Colégio, nomeados entre 1838 e 1847, realizada por Mendonça e al (2013, p.985) foi possível identificar a Filosofia no programa institucional da instituição e situar seus professores na caracterização geral feita pelos autores sobre esta geração:

[...] as formas de recrutamento; a distribuição pela diferentes disciplinas; as categorias docentes previstas nos estatutos de 1838; as trajetórias internas no Colégio, inclusive o tempo de docência na instituição; a formação acadêmica; a experiência docente anterior; as outras instituições educacionais/culturais em que atuavam, entre outros aspectos.

A primeira geração de professores (1838-1855) foi delimitada de acordo como foram recrutados para constituir o quadro docente do Colégio de Pedro II. O recorte de 1838 a 1855 se deu em decorrência do início do funcionamento da instituição até o ano da Reforma de Couto Ferraz, em 1854, que foi responsável pela criação dos concursos públicos para ingresso dos professores no ensino secundário e de uma nova categoria além de professores e substitutos, que foi a classe dos repetidores. Antes da criação dos concursos, esta geração teve como característica ser nomeada pelos Ministros do Império.

Além de uma análise pautada em pressupostos teóricos e metodológicos de Andre Chervel sobre a história das disciplinas escolares, as principais referências sobre o processo de construção da identidade profissional docente foram os sociólogos François Dubet e Claude Dubar.

A Filosofia como disciplina, foi analisada com base nos estudos de Chervel, para quem o termo disciplina corresponde aos conteúdos de ensino, na falta de um termo genérico para defini-la. Nesse sentido, não se deve deter a análise exclusivamente à sua origem, mas perceber sua finalidade e seu funcionamento, o que buscaremos por meio do percurso profissional dos professores que lecionavam essa matéria, uma vez que concordamos com a afirmação do autor que: “No coração do processo que transforma as finalidades em ensino, há a pessoa do docente [...]” (CHERVEL, 1990, p.191).

Ainda como indica Chervel (1990, p.197): “A taxa de renovação do corpo docente é então um fator determinante na evolução das disciplinas [...]”. E embora não nos identifiquemos com a ideia de evolução histórica usada pelo autor para tratar da história das disciplinas escolares, concordamos que as práticas coincidem com suas finalidades, e portanto, nossa preocupação maior é em identificar a concepção que estes professores tinham acerca do conteúdo ensinado e a relação que estabeleciam com o ensino.

Como iremos ater a análise nos professores secundários, será necessário ainda recorrer a outros autores que desenvolvem sua análise sobre a profissão docente. Por exemplo, Dubet (2002), que situa a profissão docente entre aquelas que remetem ao trabalho sobre o outro, isto é, o conjunto de atividades profissionais que visam a transformar o outro ou que participam da socialização dos indivíduos. Com base nesta concepção, a profissão docente constitui-se, portanto, como um programa institucional, que designa um modo particular de socialização e de relação com o outro. Esta perspectiva torna-se relevante para esta análise, pois distingue a forma como se configurou o trabalho do professor primário e do professor secundário, o que condiciona mudanças na percepção que os professores possuem de seu trabalho e de sua própria identidade profissional.

Claude Dubar (1991), por sua vez, concebe a profissionalização como um processo de socialização que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito. Logo, a identidade profissional do professor se constitui na relação entre o Estado, a cultura institucional em que ele se encontra

inserido e as identidades visadas pelo próprio sujeito. Seu estudo também é importante, pois nos atenta para as diferentes características existentes entre as gerações de professores, auxiliando na constituição da historicidade desse processo identitário.

Com base nessas referências, passaremos à análise da primeira geração de professores do Colégio Pedro II, buscando identificar entre eles, os docentes que lecionaram Filosofia nos primeiros anos de funcionamento da instituição, bem como suas principais características.

## **O PROGRAMA DE ENSINO E A PRIMEIRA GERAÇÃO DE PROFESSORES DE FILOSOFIA DO COLÉGIO PEDRO II**

Quando da criação do Colégio Pedro II, no programa de ensino constituído de oito anos predominavam os estudos das letras clássicas: Filosofia, Retórica e Poética. De acordo com Lorenz e Vechia (2015, p.23), “As humanidades eram responsáveis por 62% da carga horária do plano de estudos e, desses, 50% eram atribuídos ao Latim e Grego. As Ciências e Matemáticas eram responsáveis apenas por 9 e 12% do total, respectivamente”.

A Filosofia era lecionada em duas das últimas etapas superiores do ensino secundário, com um total de 10 lições semanais, conforme consta no Regulamento n.8, de 31 de janeiro de 1838 (BRASIL,1838). Em 1841, o programa passou por uma reforma – Regulamento n° 62, de 1° de fevereiro - que fixou a duração do curso em sete anos e acentuou a predominância de estudos literários e seu caráter enciclopédico (BRASIL, 1841). À guisa de exemplo, somente no último ano do curso o aluno deveria cursar: Grego, Latim, Retórica e Poética, Filosofia, Alemão, Inglês, Francês, Geografia, História, Geometria, Matemática e Cronologia, Mineralogia e Geologia, Zoologia Filosófica, Desenho figurativo e Música vocal. A Filosofia se manteve nas últimas etapas superiores, agora com 5 lições semanais (CRUZ, 2013). Este programa tornou-se oficial em 1850 e perdurou até a nova organização dada pelo regulamento de 17 de janeiro de 1855, após a Reforma Couto Ferraz.

### **Figura 1: Programa de Ensino oficial de Filosofia do Colégio Pedro II, de 1850** SEPTMO ANNO

1. Considerações geraes sobre a Logica. 2. Do criterio da verdade, se he multiplice. 3. Se a percepção admite regras. 4. Observação, comparação; suas regras. 5. Definição e suas regras. 6. Idem. 7. Syllogismo. 8. Idem. 9. Diferentes fórmulas de raciocínio. 10. Idem. 11. Enthyme. Epicherema. 12. Sorites. Exemplo. 13. Idem. 14. Divisão e suas leis. 15. Dilemma. Prosylogismo. 16. Reducção de todas as fórmulas de argumntação ao syllo-ismo. 17. Regras que convém ao syllogismo. 18. Idem. 19. Sophisma e Paralogismo. 20. Autoridade do testemunho dos homens; regras a que convém submete-la. 21. Relação da moral com a psychologia. 22. Utilidade e importancia da Moral. 23. Relação do direito com o dever. 24. Requisitos que devem concorrer no legislador, e naquelles a quem a lei vai obrigar. Lei. 25. Dos diversos motivos de nossas acções. 26. Divisão dos deveres, Moral individual. 27. Idem. 28. Moral social. Deveres do homem para com Seus semelhantes. 29. Do merito e demerito; penas e recompensas. 30. Da consciencia Moral. 31. Enumeração e apreciação das differentes provas da existencia de Deos. 32. Idem. 33. Moral Religiosa; deveres para com Deos. 34. Dos atributos de Deos. 35. Destino do homem. 36. Idem. 37. Necessidade do culto interno e externo. 38. Do emprego das hypotheses nas indagações philosophicas. 39. Idem. 40. Regras das hypotheses.

Fonte: Vechia e Lorenz, 1998, p.3.

### **Figura 2: Programa de Ensino oficial de Filosofia do Colégio Pedro II, de 1850**

SEXTO ANNO

1. Objecto da Philosophia; e actualmente sua divisão. 2. Objecto da Psychologia; se he conveniente principiar por este parte o estudo da Philosophia. 3. Se o Eu se distingue da alma; e como havemos de caracteriza-lo. 4. Enumeração e apreciação das propriedades essenciaes da alma e de suas faculdades. 5. Utilidade e importancia da Philosophia. 6. Relação da Philosophia com as outras Sciencias. 7. Se he ou não continua a actividade; e sendo, sua conciliação com a passividade. 8. Da unidade e simplicidade da alma. 9. Identidade pessoal. 10. Condições da identidade do Eu. 11. Idem. 12. Conciliação da variedade dos actos da alma com a identidade do Eu. 13. Noção; Fé; relação destes dous factos: juízo. 14. Em ideologia qual das questões se deve primeiro discutir, se a do estado presente das nossas idéas, se a da sua origem e formação. 15. Idem. 16. Idéas inductivas a priori: character destas idéas. 17. Da indução a posteriori, e seu estado actual e primitivo. 18. Memoria em geral. 19. Idem. 20. Da sensibilidade, seu character, e objecto em geral. 21. Comportamento da sensibilidade no prazer e na dor. 22. Exposição e apreciação dos phenomenos e movimentos analogos que tem lugar Com a percepção do objecto tocante à sensibilidade. 23. Influencia da previdencia, memoria, e imaginação sobre a sensibilidade. 24. Idem. 25. Influencia do tempo sobre os phenomenos da força de sentir. 26. Da liberdade, se he verdadeiramente huma faculdade, seu objecto. 27. Grãos de manifestação da liberdade. 28. Idem. 29. Concurso da

Fonte: Cruz, 2013, p. 81-82.

Além do programa de ensino, no estudo de Cruz (2006, p.80) identificamos também os assuntos tratados no *Compêndio de Genuense*, de Antonio Genovesi (1713-1779), que segundo o autor, tratava-se de um “clássico aristotélico-tomista” adotado pela instituição, que abordava temas como: “Lógica e Metafísica, Moral e Teoria das Ideias” e já era usado desde a Reforma Pombalina, sendo criticado por aqueles que acompanhavam os avanços da Filosofia Moderna na Europa. Com a Reforma de 1855, este compêndio foi substituído por um francês: *Cours Elementaire de Philosophie*, de Eustache Barbe, editado pela primeira vez em 1846. Tal mudança acompanhava as novas publicações dos programas dos liceus da França. Apesar das alterações nas normativas indicadas pela reforma no programa de ensino, foi mantido o mesmo professor catedrático na cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II até os anos de 1880. Na medida em que consideramos a figura central do professor no processo de ensino, a manutenção deste docente indica uma resistência à mudança das finalidades desta matéria no ensino secundário.

No estudo de Mendonça et al (2013), pode-se constatar a inexistência de instituições de formação de professores para atuar no ensino secundário. Os autores buscaram identificar quais as qualificações foram consideradas quando da contratação dos primeiros professores do Colégio Pedro II, sendo 28 professores<sup>3</sup>, cujas características convergiam em relação ao prestígio junto à elite intelectual brasileira e ao vínculo com a instrução e/ou educação europeia. Deste total, quatro eram mestres (sendo dois de Música e dois de Ginástica) e 24 eram efetivos e lecionavam as matérias indicadas no quadro a seguir:

**Figura 3: Lista de professores efetivos do Colégio Pedro II (1838-1847)**

<sup>3</sup> Foram localizados um total de 52 professores da primeira geração, o que indica que além desses 28 que atuaram até 1847, mais 24 atuaram até 1855.



Ano	Nome	Matéria
1 1838	Dr. Joaquim Caetano da Silva	Grego
2 1838	Manuel de Araújo Porto Alegre (Barão de Sto Angelo)	Desenho
3 1838	Francisco Maria Piquet	Francês
4 1838	João de Castro Silva	Latim
5 1838	Dr. Emílio Joaquim da Silva Maia	História natural
6 1838	Dr. Justiniano José da Rocha	Geografia e história
7 1838	Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde de Araguaya)	Filosofia
8 1838	Jorge Furtado de Mendonça	Latim
9 1838	Padre Leandro Rebelo Peixoto e Castro	Religião
10 1838	Gabriel de Medeiros Gomes	Português
11 1838	Padre Joaquim de Oliveira Durão	Religião
12 1839	Diogo Maze	Inglês
13 1839	Candido Matheos de Faria Pardal	Desenho
14 1839	Lino Antonio Rabello	Matemática
15 1839	Padre Manuel Antônio da Silva	Religião
26 1840	Carlos Roberto (Barão de Planitz)	Alemão
17 1840	Tiburcio Antonio Craveiro	Latim
18 1840	Conego Dr. Marcelino José da Ribeira Silva Bueno	Geografia e história
19 1842	Santiago Nunes Ribeiro	Filosofia e retórica
20 1843	Bernardo Jose Falletti	Latim
21 1844	José Luiz Alves	Inglês
22 1847	João Baptista Calógeras	Geografia e história
23 1847	Joseph Hermann (Barão de Tautphoeus)	Alemão, grego e história
24 1847	Dr. Francisco de Paula Menezes	Filosofia e retórica

Fonte: Mendonça et al, 2013, p.997.

A partir dos dados desse quadro, constatamos que entre os anos entre 1838 e 1854, passaram pela instituição três professores catedráticos de Filosofia, sendo eles: Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães (Visconde do Araguaya), 1838, Santiago Nunes Ribeiro, 1842 e Dr. Francisco de Paula Menezes (1847). Além destes três, localizamos no livro organizado pela comissão de atualização da memória histórica do Colégio Pedro II, de 2013, mais dois professores catedráticos que também compuseram a primeira geração de professores: Joaquim Pinto Brasil (1848) e Frei José de Santa Maria Amaral (Monge Beneditino) (1849), o que também foi confirmado por Macedo (2005, p.352):

A cadeira de filosofia do Imperial Colégio de Pedro II foi ocupada pelo Sr. Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, e o é agora pelo Sr. padre-mestre frei José de Santa Maria Amaral. Mas, entre o ilustre poeta e o venerando e ilustrado beneditino, lecionaram interinamente a mesma matéria Santiago Nunes Ribeiro, Dr. Francisco de Paula Menezes e o Sr. bacharel Joaquim Pinto Brasil.

A partir da reunião dos dados dessa obra e do artigo de Mendonça et al (2013), foi possível identificar um total de 16 professores que lecionaram Filosofia no Colégio Pedro II, ao longo do

século XIX, conforme consta no quadro a seguir, e mais 6 professores catedráticos que lecionaram na primeira metade do século XX <sup>4</sup>:

**Tabela 1: Professores de Filosofia do Colégio Pedro II nos Oitocentos**

	Professor	Data de Nomeação	Categoria
01	<b>Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882)</b>	1838	<b>Catedrático</b>
02	<b>Santiago Nunes Ribeiro (? -1847)</b>	1842	<b>Catedrático</b>
03	<b>Francisco de Paula Menezes (1811-1857)</b>	1847	<b>Catedrático</b>
04	<b>Joaquim Pinto Brasil (1819 – 1875)</b>	1848	<b>Catedrático</b>
05	<b>Frei José de Santa Maria Amaral (1821-1889)</b>	1849	<b>Interino/Catedrático</b>
06	José Manoel Garcia (? -1884)	1857	Repetidor
07	Joaquim Manoel de Carvalho (?)	1858	(?)
08	Joaquim Jerônimo Fernandes da Cunha (1827-1903)	1877	Substituto Interino/Professor Interino
09	Padre Mestre Frei Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu (1818-1892)	1866	Professor Interino
10	Manoel Antonio de Godoy Kelly Botelho (? – 1886)	1870	Substituto
11	Antonio Herculano de Souza Bandeira Filho (1854-1890)	1876	Substituto
12	Manoel Antonio Marques de Faria (1835-1893)	1877	Substituto
13	José Lustosa da Cunha Paranaguá (?)	1877	Substituto Interino
14	<b>Rozendo Muniz Barreto (1845-1897)</b>	1880	<b>Catedrático</b>
15	<b>Sylvio Romero (1851-1914)</b>	1880	<b>Catedrático</b>
16	André Gustavo Paulo de Frontin (1860-1933)	1880	Substituto

Fonte: Dados organizados pelos autores com base na pesquisa documental realizada no NUDOM/CPII e nos Relatórios do Ministério do Império disponibilizados na Hemeroteca Digital Brasileira.

Os professores catedráticos, cujos nomes estão em destaque no quadro anterior, distinguiram-se das demais categorias docentes existentes no Colégio Pedro II por serem homens com formação em universidades europeias ou cursos superiores de Direito, Medicina e Engenharia criados no Brasil, ou ainda de origem estrangeira. Outra convergência entre eles era a atuação em associações e instituições como o IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a imprensa. De acordo com Lorenz e Vechia (1995) possuíam prestígio, formação humanística, viagens e leituras (notório saber). Não tinham na profissão docente sua principal ocupação, sendo a atuação no Colégio uma forma de trampolim para outros cargos públicos ou políticos.

Todos os professores de Filosofia identificados como da 1ª geração de professores do Colégio Pedro II (1838-1855) ocuparam a cadeira como catedráticos. A seguir, destacaremos o percurso profissional destes docentes que atuaram entre os anos de 1838 a 1855, no Colégio de Pedro II, a fim de nos nortear sobre qual era o perfil desejado pelas nomeações dos Ministros do Império, bem como buscar indícios de sua atuação.

<sup>4</sup> De acordo com a obra: *O Colégio Pedro II: contribuição histórica aos 175 anos de sua fundação* (2013, p.94), os professores que atuaram como catedráticos entre os anos de 1909 a 1949 foram: Euclides da Cunha (1909), Raymundo de Faria Brito (1909), Agliberto Xavier (1910), Philadelpho de Barros Azevedo (1917), Nelson Romero (1938) e Euryalo Canabrava (1949).

Domingos José Gonçalves de Magalhães (Barão ou Visconde do Araguaia), nasceu em Niterói (RJ), em 13 de agosto de 1811. Filho de Pedro Gonçalves de Magalhães Chaves, formou-se médico, em 1832. Durante viagem para a Europa, escreveu sua primeira obra “Poesias” (1832) e, em 1836, publicou o livro "Suspiros poéticos e saudades", sendo considerado um dos precursores do romantismo brasileiro. No Brasil, além dessas obras, realizou a publicação de um manifesto intitulado: Discurso sobre a história da literatura do Brasil, na revista *Nitheroy, revista brasiliense* (1836), lançada por ele, Araújo Porto-Alegre e Francisco Torres Homem, e que tinha como foco a cultura brasileira<sup>5</sup>. Também se voltou para a produção teatral, escrevendo duas tragédias: *Antônio José ou O poeta e a Inquisição* (1838) e *Olgiato* (1839) (RANGEL, 2011 e CAMPATO JR, 2017).

No primeiro ano de funcionamento do Colégio Pedro II, foi nomeado professor de Filosofia. Atuou também como secretário de Caxias no Maranhão, até 1841 e de 1842 a 1846, no Rio Grande do Sul. Além de professor, poeta e ensaísta brasileiro, como político representou a província do Rio Grande do Sul, na 6ª Assembleia Geral. Em 1847, entrou para a carreira diplomática brasileira, ficando encarregado de negócios na Itália, Rússia e Espanha e como ministro na Áustria, Estados Unidos, Argentina e Santa Sé, cargo que ocupou até o ano de sua morte, em Roma, em 10 de julho de 1882 (RANGEL, 2011).

A partir dos anos de 1850, ele enveredou pela poesia religiosa, indianista, nacionalista, expressa nas publicações: *Suspiros poéticos e saudades*, *A Confederação dos Tamoios* (1856), *Os mistérios, poesias* (1858); *Os indígenas do Brasil perante a História* (1860); *Ucrânia, poesias* (1862); *Cânticos fúnebres, poesias* (1864); *Opúsculos Históricos e Literários* (1865), *ensaaios*. Ele também publicou textos filosóficos: *Os fatos do espírito humano* (1858); *A alma e o cérebro, estudos de Psychologia e Physiologia* (1876); *Comentários e pensamentos* (1880). Foi escolhido como o patrono da cadeira de número nove da Academia Brasileira de Letras por Carlos Magalhães de Azeredo. Seu título de barão foi conferido por decreto imperial em 17 de julho de 1872, e o de Visconde em 12 de agosto de 1874 (MACEDO, 2005).

Apesar de sua produção filosófica, notou-se uma predileção pela literatura, influenciada pelo romantismo, bem como o interesse por temáticas brasileiras, o que evidencia a afirmação de Mendonça et al (2013) de que na primeira geração de professores do Colégio Pedro II não se observava uma correspondência entre a formação, no caso deste professor, a medicina, e a matéria lecionada neste estabelecimento de ensino, a Filosofia. Além disso, seu percurso confirma a noção de homens mundo, como homens viajados, pois foi para a Europa após completar os estudos superiores, somente atuando como professor secundário quando retornou de sua viagem. Também se confirma pela sua atuação na imprensa e suas publicações.

O então professor Gonçalves de Magalhães adotou a obra *Cours de Philosophie* (1837), de M. Ph. Damiron, para o ensino de Filosofia do Colégio Pedro II, a qual segundo Nunes Ribeiro era de cunho espiritualista. Algumas de suas obras também foram consideradas de importância para a História da Psicologia no Brasil, a saber: *Factos do Espírito Humano* (1865), impressa no Rio de Janeiro em 1865. Além desta obra, *A Alma e o Cérebro: estudos de Psychologia e Physiologia*, editada no Rio de Janeiro em 1876, que faz uma análise crítica da Frenologia, doutrina que segundo Massini (1993) era muito difundida na época e reduzia as funções psicológicas a processos neurológicos.

Santiago Nunes Ribeiro, foi o segundo professor catedrático, nomeado para a cadeira de Filosofia e Retórica do Colégio Pedro II, em 1842, conforme o Anuário de nº XV do Colégio Pedro II. Ele era chileno e veio para o Brasil com seu tio, um padre exilado por questões políticas. Viveu sua infância e se formou no município de Paraíba do Sul, onde chegou a atuar no comércio. Estudou as humanidades, aprofundando-se nas línguas e letras, mudando-se em seguida para a corte, onde passou a lecionar Filosofia, Retórica e Poética em colégios particulares, no estabelecimento de ensino secundário oficial e a atuar no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e no Conservatório Dramático do Rio de Janeiro.

---

<sup>5</sup> Francisco Torres Homem era médico, advogado, jornalista e senador do Império, além de membro do Instituto Histórico de Paris (LIMA, s.d).



Sua atuação fora do ensino se deu como redator-chefe do periódico *Minerva Brasiliense*, publicado no Rio de Janeiro entre 1843 e 1845, que discutia uma das problemáticas do período que era a existência ou não de uma cultura genuinamente brasileira, a qual seria afirmada por meio da literatura (LIMA, s.d; CAIRO, 1996). Na primeira fase, a administração esteve a cargo de Francisco Torres Homem, e na segunda, que corresponde a 15 de novembro de 1844 até 15 de junho de 1845), por ele <sup>6</sup>. A publicação na fase em que ele assumiu deixou de ser quinzenal e passou a ser mensal, também havendo mudanças de tipografia e a criação da Biblioteca Brasília (PILOTTO, 2014).

Além de dirigente do jornal, foi ensaísta e poeta. A publicação da maioria de seus escritos se concentrou no ano de 1843: *O Brasil insultado*, pela *Revista dos Dois Mundos*; *Aos nossos colaboradores e assinantes*; *A saudade e a despedida*; *Breve notícia sobre a vida de José Basílio da Gama*; *Comemoração do horroroso e para sempre memorável terremoto de 1 de novembro de 1755, que destruiu em grande parte a cidade de Lisboa*; fragmentos de um poema intitulado: *A inauguração do quinto império*; *Parnaso brasileiro ou coleção de poesias dos melhores poetas brasileiros*; *Priere a Dieu pour son altesse imperiale*; *Relatório do senhor vereador Gabriel Gomes dos Santos* e as obras: *A batalha de Waterloo e A dança entre os antigos e modernos*. Em 1844, escreveu: *A nacionalidade da literatura brasileira* e, em 1847, ano de seu falecimento, publicou ainda: *Cântico elegia a Sua Majestade a Imperatriz* (CAIRO, 1996).

Em Macedo (2005, p.350) é identificada uma descrição do professor Santiago Nunes: “[...] era de uma modéstia que tocava ao excesso. Triste de fisionomia, de voz muito débil e de timidez que o abatia. Mas o seu merecimento era real e incontestável. Foi um homem que passou toda a sua vida esperando, sofrendo e quase sempre infeliz. Morreu ainda muito moço [...]”, em Rio Preto, MG.

Nota-se que tanto este professor quanto José Gonçalves de Magalhães eram influentes na literatura e adeptos do romantismo, denotando que a preferência pela nomeação era por professores que defendiam a construção de uma literatura nacional autônoma da portuguesa, com foco na cultura brasileira que se buscava constituir. Ambos também foram fundadores de periódicos para divulgação destas ideias, *Minerva Brasiliense* e *Nitheroy*, respectivamente, sempre contando com a participação de Francisco Torres Homem nesse processo.

Assim como Gonçalves de Magalhães, outro professor formado em medicina, que lecionou Filosofia no Colégio Pedro II, foi Francisco De Paula Menezes. Ele nasceu na freguesia de São Lourenço, em Niterói, em 25 de novembro de 1811, aonde veio também a falecer aos 46 anos de idade.

De acordo com Macedo (2005) embora desejasse seguir a carreira das letras, contrariando a vontade de seu pai, José Antunes de Menezes, matriculou-se na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde se formou em 1838. Tentou por duas vezes concurso público para uma cadeira na escola onde se formou, mas não logrou êxito. Foi, em 9 de maio de 1844, nomeado professor público de Retórica do município da corte. Neste mesmo ano, em 9 de julho, foi realizado o Concurso à Cadeira de Filosofia no Colégio Pedro II, e o tema da dissertação proposta aos candidatos foi: *As idéias inatas e as várias teorias a respeito*, publicado na imprensa por Santiago Nunes. O nome do professor Francisco de Menezes, no entanto, não apareceu entre os quatro candidatos concorrentes: Sales Torres Homem, F. de Sales Brasil, e dois alunos da Escola de Medicina da Corte: Maximiano e Heredia.

---

<sup>6</sup> O professor defendia a existência de uma Literatura Nacional autônoma, advogando contra autores como Gama e Castro que acusavam o Brasil de não ter literatos à altura de Portugal, o que pode ser constatado no ensaio "Da Nacionalidade da Literatura Brasileira", publicado em *Minerva Brasiliense* (BAUMGARTEN, 1997). Ele refutava a nacionalidade da Literatura Brasileira e propunha uma divisão na história literária brasileira (BOSI, 2006). A crítica feita por ele nesta época tem como marco o ano de 1830, cujo ponto de partida foi a busca pela brasilidade da Literatura e do rumo que a literatura brasileira deveria tomar. Havia um projeto dentro do romantismo de romper com a literatura geradora (portuguesa) (GIACON E GOMES, s.d).

De acordo com Massini (1993), a exposição dos candidatos e a arguição dos examinadores: o Ministro do Império, o Conselheiro Paiva Guedes, o Reitor do Colégio, Joaquim Caetano da Silva, e dois beneditinos: frei P.M. Paulo e frei Custódio Alves Serrão, refletiram a presença de diferentes tendências filosóficas na cultura carioca e, em particular, no âmbito do Colégio: o empirismo e o sensualismo dos dois professores beneditinos, o espiritualismo eclético de Joaquim Caetano da Silva e de S. Torres Homem e o reducionismo mecanicista do médico Heredia, que explicava os fatos psicológicos por meio de correntes elétricas e outras forças materiais.

Em 1847, Francisco de Menezes assumiu a cadeira de Filosofia, além de atuar como membro ativo de sociedades científicas e literárias, tais como o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, a Academia Imperial de Medicina, o Conservatório Dramático no Rio de Janeiro, além de redator, deixando além de discursos impressos e manuscritos: *Elogio histórico do cônego Januário da Cunha Barbosa*; *Lúcia de Miranda, uma tragédia em verso endecassílabo*; *Memória sobre o fato da ida de Diogo Alvares (Caramuru) à França* (1847); *Ode à memória do príncipe dom Afonso* (1847); *Discurso recitado na augusta presença de S.M. o Imperador* (1848); *Discurso recitado no imperial colégio do Pedro II*, (1853); além de trabalhos de caráter médico: *Proposições sobre a degeneração cancerosa em geral* (1839); *Dos abscessos sub-peritoneais da fossa ilíaca* (1840); *Discurso biográfico neurológico* (1841); *Discurso sobre a importância da cirurgia militar* (1842); *Do exame das causas e origem das enfermidades dos aprendizes menores do arsenal de guerra desta corte*; *Necessidade da edificação de cemitérios*. E ainda, textos literários de inspiração romântica: *Lúcia de Miranda, tragédia em verso*, e *A Noite de São João na Roça*, composição poética, *Brasil ilustrado* (1855), *Quadros de literatura Brasileira*, *Revista Brasileira*<sup>7</sup> (1856), e traduções, como a do livro *Nova Retórica*, de J. Viet Leclerc, que adotou como compêndio de ensino.

Sobre o professor Joaquim Pinto Brasil, foi necessário recorrer à imprensa, na Hemeroteca Nacional. Bacharel formado em Ciências Sociais e Jurídicas, sabe-se, a partir de publicação no jornal *Correio Mercantil*, do Rio de Janeiro, de 24 de maio de 1848 (ano 5, n.142, p.1), que ele foi nomeado professor interino da cadeira de Filosofia do Colégio Pedro II, em substituição ao professor Magalhães, “proprietário da cadeira”, o qual se encontrava em viagem a Nápoles. Tal fato, indica que apesar de ele ter sido nomeado professor catedrático, devido às funções diplomáticas assumidas, ele passou a viajar para o exterior, sendo os seus sucessores professores interinos, durante a sua ausência.

Em 10 de abril de 1849, foi publicada no mesmo jornal (CORREIO MERCANTIL, ano VI, n.97, p.3), uma notícia de que Joaquim Brasil havia criado uma associação denominada Ensaio Filosófico, conhecida como Episcopal, que estava sob a proteção do bispo Conde de Irajá. Ele também dirigiu e organizou a Escola Brasiliense, situada na rua dos Arcos, n.46. Atuou como professor de retórica, poética, geografia e francês no episcopal seminário de São José. Anteriormente, havia lecionado Filosofia e Geometria no Colégio das Artes do curso jurídico de Olinda, e de Latim no referido Seminário (CORREIO MERCANTIL, 23 de maio de 1950, n.132, p.4).

Em 15 de maio de 1951, Joaquim Brasil fundou uma escola em Resende-RJ<sup>8</sup>, coincidindo com o ano em que José de Santa Maria Amaral assumiu a cadeira de Filosofia. Este nasceu em 1821, na Bahia, e faleceu em 1889. Foi ordenado monge beneditino em sua terra natal e transferido para o mosteiro do Rio de Janeiro. De acordo com o Anuário do Museu Imperial, v.32, de 1971, foi preceptor das princesas Isabel e Leopoldina.

Ele assumiu em 12 de março de 1851, o ensino de filosofia no Colégio Pedro II, como substituto, sendo elevado a professor catedrático, cargo em que permaneceu até 1880. Dentre as obras do monge beneditino, estão o *Tratado de Filosofia* e os relatórios da Instrução Primária e

---

<sup>7</sup> A primeira publicação desta revista, fundada e dirigida por Francisco Menezes, foi em 14 de julho de 1855, com o título de *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria, de periodicidade quinzenal*. Em 1857, apareceu com nova denominação: *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Consultar em: <https://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>. Acesso em 20 out. 2022.

<sup>8</sup> Segundo notícia do jornal *Correio Mercantil*, 1º de julho de 1851, n.154, p.1.

Secundária do município da corte, dos anos de 1870 e 1871. Posteriormente, tornou-se reitor do internato e Inspetor geral da instrução. Durante o período em que lecionou no Colégio, os programas de cursos e de exames de Filosofia incluíam, no sexto e sétimo ano, a "psychologia", inspirada no espiritualismo eclético. A partir de 1857, com base no decreto n. 2006, de 24 de outubro de 1857, o ensino da Filosofia no sexto ano foi dividido em Lógica e Metafísica, sendo utilizado o compêndio: *Curso Elementaire de Philosophie*, de E. Barbe, oficialmente adotado em 1858. Além deste, destacam-se as *Questões de Philosophia*, de A. Charma, da Universidade de Paris (MASSIMI, 1993).

Com o decreto n. 4468 de 1º de fevereiro de 1870, o ensino da Filosofia, no sexto ano, foi dividido em: Psicologia e Lógica, sob a responsabilidade do professor Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu. No sétimo ano, a Filosofia compreendia: Metafísica, Ética e Sistemas comparados de Filosofia. O manual utilizado para o ensino continuou sendo a tradução de Barbe, feita por Alves de Souza, juntamente com as apostilas do professor (MASSIMI, 1993).

A partir do decreto n.6130, 1º de março de 1876, o ensino da Filosofia foi transferido para o quarto ano de curso, porém, foram mantidos os conteúdos dos planos de estudos anteriores. Os manuais de Filosofia indicados nos Programas eram em sua maioria, escritos por autores franceses e, às vezes, traduzidos para o português, indicando a influência exercida pela cultura francesa no ensino do Colégio Pedro II. Em 1877, o manual de Barbe foi substituído pelo compêndio *Previs d'un Cours Complet de Philosophie Elementaire*, de Pellissier, traduzido por E. Zaluard (MASSIMI, 1993).

Com base nos elementos apresentados, podemos afirmar que o programa de Filosofia do Colégio Pedro II, no século XIX, apresentou mudanças de perspectiva do romantismo para o modernismo, expressas pela influência que a psicologia passou a exercer também nos programas de ensino dos Cursos de Medicina da época. Na medida em que algum dos professores do Colégio eram formados em Medicina, não se pode desconsiderar o papel exercido por eles na construção e configuração da Filosofia como disciplina escolar, e na difusão dos conhecimentos sobre Filosofia por meio de publicações na imprensa e da tradução e elaboração de manuais didáticos adotados nos estabelecimentos de ensino secundário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos a predileção dos professores de Filosofia da primeira geração de professores do Colégio Pedro II pela literatura nacional, influenciada pelo romantismo, que se caracterizava entre outros aspectos, pela presença do pessimismo e pelo sentimento nacionalista, indicando que o uso de compêndios franceses se deu no sentido de atender prescrições e regulamentos, minimizando a afirmação de Teixeira (2000) de que o ensino de Filosofia buscou expressamente reproduzir as ideias francesas. Há indícios também de que os docentes buscavam outras formas, como a imprensa, para consolidar um pensamento mais autônomo em relação à cultura e a literatura portuguesa.

A partir do marco temporal que delimitou a primeira geração de professores, o período correspondido entre o início do funcionamento da instituição, 1838, até o ano de 1854, quando se oficializa os concursos como forma de ingresso dos professores na instituição, foi possível identificar que na cadeira de Filosofia houve uma alteração no programa de ensino secundário. Enquanto os professores da primeira geração tinham uma maior preocupação e vínculo com a produção literária afim ao romantismo, a partir do concurso de 1844, observa-se uma maior vinculação da disciplina com a discussão dos programas de ensino dos cursos de Medicina, que indicavam uma maior aproximação entre Filosofia e Psicologia, que começou a se configurar ainda no século XIX. Contudo, não foi um consenso na época, visto que também havia professores que defendiam o pensamento "clássico aristotélico-tomista", apresentado por Cruz (2006).

Cabe ainda salientar que embora este estudo englobe a análise de apenas uma geração de professores, ele abre possibilidades de comparação com outras gerações, como a do século XX, e

inclusive com a contemporânea, bem como contribui para a compreensão de como historicamente a Filosofia foi se constituindo como disciplina escolar.

## REFERÊNCIAS

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, v.15, 1954.

ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL, v.32, 1971.

ANÚNCIO. *Jornal do Commercio*. Rio de Janeiro, ano 54, n.316, p.6, 14 de novembro de 1875.

AVISO. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, ano I, n.101, p.1, 10 de novembro de 1875.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *A crítica literária no Rio Grande do Sul: do romantismo ao modernismo*. Coleção ensaios. Porto Alegre, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. *Resolução nº 1, de 15 de maio de 2009*. Disponível em: PROJETO DE RESOLUÇÃO (mec.gov.br). Acesso em 16 out. 2022.

BRASIL. *Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971*. Disponível em: Lei de Diretrizes e Base de 1971 - Lei 5692/71 | Lei no 5.692, de 11 de agosto de 1971, Presidência da Republica (jusbrasil.com.br). Acesso em: 17 out. 2022.

BRASIL. *Regulamento nº 62, de 1º de fevereiro de 1841*. Disponível em: [https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/regulamento\\_n.\\_62\\_-\\_1841.\\_altera\\_ algumas \\_das\\_disposicoes.pdf](https://www.histedbr.fe.unicamp.br/pf-histedbr/regulamento_n._62_-_1841._altera_ algumas _das_disposicoes.pdf) . Acesso em: 18.out.2022.

BRASIL. *Regulamento n.8, de 31 de janeiro de 1838*. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/regula/1824-1899/regulamento-8-31-janeiro-1838-561957-norma-pe.html> . Acesso em: 18.out.2022.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAIRO, L. R. V. Santiago Nunes Ribeiro e o Minerva Brasiliense. *Letras de Hoje*. v. 31, n. 4, dez, 1996.

CAMPATO JR, João Adalberto. O Pensamento nacionalista de Gonçalves de Magalhães: um estudo de sistematização. *Revista Ciência Contemporânea*. jun./dez. 2017, v. 2, n.1, p. 148 - 162

CHERVEL, Andre. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre o campo de pesquisa*. Teoria & Educação. n.2, 1990, p.177-229.

CRUZ, André Silvério da. *O pensamento filosófico e o ensino de Filosofia na escola secundária brasileira: uma interpretação dos programas de ensino do Colégio Pedro II (1837-1851)*. (dissertação). Programa de Pós-graduação em Educação. Uberlândia. UFU, 2006.

DUBAR, Claude. *La socialisation, construction des identités sociales et professionnelles*. Paris, Armand Colin, 1991, 278 p.

DUBET, F. *Le Declin de l'Institution*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

ESCOLA BRASILIENSE. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano VII, n.132, p.4, 23 de maio de 1950.

GIACON, E. M. de O.; GOMES, N dos S. *Análise do texto: "Da Nacionalidade da Literatura Brasileira"*, de Santiago Nunes Ribeiro. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20170602113758.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170602113758.pdf) . Acesso em: 20 out 2022.

INSTRUÇÃO PRIMÁRIA E SECUNDÁRIA NO MUNICÍPIO DA CORTE. In: BRASIL. Ministério do Império. *Relatório da Repartição dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1880, p.31.

INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA. In: BRASIL. Ministério do Império. *Relatório da Repartição dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1871.p.17

INSTRUÇÃO SECUNDÁRIA – IMPERIAL COLÉGIO DE PEDRO II. In: BRASIL. Ministério do Império. *Relatório da Repartição dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Tipografia Laemmert, 1859, p.11.

LIMA, L. M. de. *Um discurso sobre o Brasil: uma análise do jornal Minerva Brasiliense - Rio de Janeiro (1843-1845)*. s./d. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao16/materia02/texto02.pdf> . Acesso em: 20 out. 2022.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. v. 42. Brasília: Edições do Senado Federal. 2005. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1100/729336.pdf?sequence=4>. Acesso em: 05 fev.2017.

MAPA N<sup>o</sup> 7 – Pessoal docente do Internato do Imperial Colégio de Pedro II (Internato do Imperial Colégio de Pedro II, em 29 de agosto de 1878). Relatório da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária do Município da Corte. In: BRASIL. Ministério do Império. *Relatório da Repartição dos Negócios do Império*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1878, p.43.

MASSIMI, Mariana. O ensino de psicologia no século XIX na cidade do Rio de Janeiro. *Paideia*. USP, n.4, fev-jul, 1993, p.64-80.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo C., SILVA, Fernando Rodrigo dos S., OLIVEIRA, Paloma Rezende de. A classe de repetidores do Colégio de Pedro II: um degrau na carreira docente ou uma estratégia de formação? *Rev. bras. hist. educ.* Maringá-PR, v. 15, n. 3 (39), p. 201-228, set/dez, 2015.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo C. *et al.* A criação do Colégio de Pedro II e seu impacto na constituição do magistério público secundário no Brasil. *Educ. Pesquisa*. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 985-1000, out./dez. 2013.



NOTAS. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, n.71, ano III, p.2, 14 de março de 1877.

NOTICIÁRIO. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n.119, ano XLVI, p.2, 29 de abril de 1866.

PARTE OFICIAL – MINISTÉRIO DE JUSTIÇA. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n.8163, p.1, 31 de julho de 1849.

PILOTTO, Thaís Ferreira. O ensaio manifesto de Santiago Nunes Ribeiro: a segunda fase da minerva brasiliense. In: *Anais do XVI Encontro Regional de História da ANPUH Rio: Saberes e Práticas científicas*. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: [http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400528019\\_ARQUIVO\\_ArtigoANpuh-THAISFERREIRAPILOTO.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400528019_ARQUIVO_ArtigoANpuh-THAISFERREIRAPILOTO.pdf). Acesso em: 05 fev.2017.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano VIII, n.154, p.1, 1º de julho de 1851.

RANGEL, Marcelo de Mello. *Poesia, história e economia política nos Suspiros poéticos e saudades e na Revista Niteroi: os primeiros românticos e a civilização do Império do Brasil*. Tese. Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. PUC-Rio, RJ, 2011.

TEIXEIRA, Gilson R. Monteiro. *O ensino de Filosofia no Imperial Collegio de Pedro II (1838-1889)*. Dissertação. Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política e Sociedade. PUC SP, 2000.

VECHIA, A.; LORENZ, K. M. (org.). *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951*. Curitiba: Autores, 1998.

\_\_\_\_\_. O Collegio de Pedro II e a formação da mocidade brasileira (1838-1889). *Cadernos de História da Educação*. v. 14, n. 1, jan./abr. 2015.

#### Informações do(a)s autor(a)(es)

Nome do autor: Paloma Rezende de Oliveira  
Afiliação institucional: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
E-mail: [paloma.oliveira@unirio.br](mailto:paloma.oliveira@unirio.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0263-8126>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6530550507137658>

Nome do autor: Luciana Borges Patroclo  
Afiliação institucional: Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
E-mail: [lupatroclo@yahoo.com.br](mailto:lupatroclo@yahoo.com.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4787-0762>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4982044274411776>

Nome do autor: Fernando Rodrigo dos Santos Silva  
Afiliação institucional: Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias – CEPEMHed/SME – Duque de Caxias  
E-mail: [fergo\\_fergo@yahoo.com.br](mailto:fergo_fergo@yahoo.com.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6036-0097>  
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3802844498333414>